

O evangelho segundo Jesus Cristo: um exemplo de subversão à Sagrada Escritura

Francisco Daniel Monteiro¹

Universidade de Coimbra - Portugal

Resumo

No presente ensaio, por meio da análise de *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2021),² romance de José Saramago publicado em 1991, buscamos compreender as estratégias utilizadas para colocar em causa toda a narrativa bíblica assente na história da crucificação de Jesus Cristo: desde a culpabilização de Deus pela morte do seu único filho, a vitimização de Jesus e a possível relação amorosa do protagonista da narrativa com Maria de Magdala, num contexto que esta representa a subversão aos cânones da Sagrada Escritura, ao ser a instrutora da iniciação sexual de Jesus Cristo. Mediante recortes teóricos dos conceitos de pós-moderno, vilanização, vitimização, subversão, devidamente fundamentados por Carlos Reis (2015), Ana Paula Arnaut (2002), Cristina da Costa Vieira (2008), Marcio Cappelli (2019), Jean-François Lyotard (1989) entre outros, o presente artigo pretende analisar em que medida José Saramago, subvertendo o *status quo*, propõe uma alternativa à interpretação histórica do credo judaico-cristão.

Palavras-chave

José Saramago. Pós-moderno. Vilanização. Vitimização.

Introdução

¹ Francisco Monteiro Daniel é doutorando em Literatura de Língua Portuguesa na Universidade de Coimbra; Mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade da Beira Interior; Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Ciências da Educação do Uíge-Angola, Instituição onde é docente responsável pelas unidades curriculares de Teoria da Literatura, Literatura Portuguesa Contemporânea e Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Integra, também, o Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

² As páginas referentes a *O evangelho segundo Jesus Cristo* ao longo deste ensaio reportam-se à edição de 2021, publicada pela Porto Editora.

A Literatura Portuguesa pós-modernista - sobretudo aquela produzida após o 25 de abril de 1975 – mostra uma certa apetência pela recuperabilidade histórica. Por ser uma construção completamente voltada à reflexão historiográfica, traz a lume questões relativas ao modo como é construído o conhecimento histórico (VIEIRA, 2000, p. 39); questiona a História oficial³ enquanto versão dos acontecimentos escolhidos para sua transformação em factos, interrogando, por outro lado, a objetividade das fontes feitas pela história. Já não se acredita na eventualidade do acesso à verdade e questiona-se com frequência o seguinte: que “verdade” foi dita? Ao problematizar a história, o romance histórico pós-moderno, particularmente a metaficção historiográfica⁴, faz recurso à intertextualidade, por meio da ironia, da paródia, da subjetividade, da referência e da ideologia, uma vez que, para Linda Hutcheon “A intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto” (HUTCHEON, 1991, p. 145).

É, por conseguinte, neste paradigma de construção que se situa o romance *O evangelho segundo Jesus Cristo* (2021)⁵, de José Saramago, com o qual o autor, ao questionar a versão histórica preestabelecida pelo Cristianismo, procura não só a reconstituição dos factos (dar espaço às vozes excluídas e preencher as lacunas apagadas pela história), como também cria uma perspectiva que serve de alternativa, tal como o próprio confirma: “A História é parcial e é parcelar, porque conta apenas uma parte daquilo que aconteceu. Há que, evidentemente, relacionar História, tempo, passado...” (REIS, 2015, pp. 83-83).

Depois das palavras introdutórias, este ensaio obedece à seguinte sequência: i) contextualizando o autor, ponto no qual faremos um enquadramento espaço-temporal do autor; ii) vilanização de Deus, aqui, buscamos projetar Deus enquanto vilão no romance em estudo; iii) vitimização de Jesus, o Messias é vítima dos caprichos de Deus; iv) resistência à misoginia, neste ponto, Maria de Magdala simboliza a resistência da mulher à submissão pelo homem.

³ Nos períodos históricos anteriores ao século XX, a recuperação do passado no romance de extração histórica terá sido feita com base estrita na História oficial, digna dos vencedores, tal como ilustra Hutcheon (1991, p. 145), sobre a história da Índia contada por paquistaneses: «[...] em *Shame*, ficamos sabendo que, quando o Paquistão foi formado, a história da Índia teve de ser escrita a partir do passado paquistanês. Mas, quem realizou esse trabalho? A história foi reescrita por imigrantes, em urdu e inglês, as línguas importadas».

⁴ Ao cunhar o termo “metaficção historiográfica”, Hutcheon (1991, p. 21) assevera o seguinte: “Com esse termo, refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos”.

⁵ As páginas referentes ao *O evangelho segundo Jesus Cristo* tratadas ao longo deste artigo reportam-se a esta edição.

Contextualizando o autor

Dado que as discussões sobre análise literária estão, na maioria das vezes, circunscritas a um/vários autores, cabe-nos, a nós, no presente texto que se pretende ensaístico, fazer um enquadramento cronotrópico do autor e do texto em análise, na medida que essa viagem ajudar-nos-á a compreender os meandros que envolvem o autor, bem como as nuances que motivam a sua constelação romanesca.

José Saramago – cuja produção literária transcorre mais de cinco décadas, de 1947 a 2011 – enquadra-se no escol de escritores portugueses representantes do código pós-modernista. Essa estratificação autoral não está embasada somente no horizonte temporal mas fundamenta-se, sobretudo, em questões teóricas e metodológicas, as quais merecerão a nossa atenção nos seguintes parágrafos.

As diferentes perspectivas antagónicas⁶ relacionadas com o termo *a quo* do pós-modernismo em Portugal resulta, em grande medida, das dinâmicas a que estão sujeitas as correntes literárias, uma vez que tal mudança não representa, *a priori*, uma desagregação abrupta com os códigos literários anteriores (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 419)⁷. O seu surgimento enquanto sucessor dos códigos literários anteriores começa a fazer eco em Portugal nos finais da quarta década do século XX. Entretanto, Ana Paula Arnaut, apesar de validar a proposta de Boaventura de Sousa Santos segundo a qual o pós-modernismo teve início num período não distante da década noventa, considera a década sessenta do século passado como a que mais se adequa às marcas seminais do pós-modernismo, sendo que faz coincidir a Revolução de Abril e as consequências que dela resultaram: transformações sociopolíticas, económicas e intelectuais (ARNAUT, 2016, p. 4).

⁶ Arnaut (2002, pp. 65-76) faz uma breve incursão sobre os vários pontos de vistas de estudiosos portugueses a respeito da entrada do pós-modernismo nas terras de Camões.

⁷ Sobre o assunto, Aguiar e Silva aflora o seguinte: o conceito de período literário não deve ser entendido como mera divisão cronológica, pois cada período se define pelo predomínio, e não pela vigência absoluta e exclusivista, de um determinado alfabeto e de uma determinada gramática. Esta concepção dos períodos literários [...] implica o reconhecimento da coexistência, no mesmo lapso de tempo e na mesma área geográfico-cultural, de diversos estilos literários epocais, um dos quais – o estilo hegemónico, aquele que prevalece no núcleo do sistema – permite delimitar, caracterizar e designar o período (2007, p. 419).

O pós-modernismo, nos termos de Fokkema (1998, p. 62), constitui-se num movimento de continuidade e descontinuidade. Por um lado, recupera valores dos códigos precedentes; por outro, questiona-os, subverte-os, sob a batuta de determinados recursos retóricos. Portanto, na ruptura com o passado, o paradigma adotado pelo pós-modernismo assentar-se-á na desconstrução do ideal de histórias unitárias e inquestionáveis, ou seja, e como aflora Jean-François Lyotard, apesar de o pós-moderno não ser visto como um escol que rejeita o moderno, representa a deslegitimação das grandes narrativas da cultura ocidental, tais como o Iluminismo, o Marxismo, o Cristianismo, entre outros (LYOTARD, 1989, p. 79). É esta última que serve de topo na projeção romanesca de José Saramago, no caso *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Portanto, o romance, sobretudo, “Constitui-se como uma arte não tributária, porém, que contraria certezas ideológicas” (CAPPELLI, 2019, p. 151).

Ao fazer o cotejo entre a teologia ficcional saramaguiana e a Sagrada Escritura, não será difícil compreendermos que aquela é reconstrução desta. Reconstrução no sentido de que o autor, enquanto criador artístico, não pretende falsear a história, mas poderá questioná-la, propor uma outra versão dos “factos”, tal como dizia Aristóteles: “[...] a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verosimilhança e da necessidade” (Cap. 9). No seu *O evangelho segundo Jesus Cristo*, José Saramago coloca em xeque uma narrativa “inquestionável”, na medida em que põe em causa princípios e valores ideológicos universalmente aceites.

Um exemplo paradigmático de subversão da narrativa bíblica em José Saramago tem que ver com a forma como o autor reconstrói os factos que, em Mateus (1. 18), narram a concepção de Jesus por Maria: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo”. Porém, no universo ficcional, os “factos” são invertidos: “[...] Maria, entretanto, abrija as pernas, ou ainda as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar [...] a sagrada semente de José se derramou no sagrado interior de Maria [...]” (SARAMAGO, 2021, p. 26). O que se depreende deste paralelismo é o facto de a ficção se concretizar através da reapropriação do texto sagrado, questionando-o sobre a sua veracidade histórica. Se Mateus nos informa que o nascimento de Cristo terá sido um fenómeno milagroso, facto que não só valorizou mais o cristianismo como também engrandeceu a figura de Jesus Cristo de tal modo que, quem dele falasse, torna(sse) o portador da palavra do filho de Deus; Saramago busca

outra versão dos acontecimentos, colocando em causa uma “verdade” que sempre representou o sustentáculo do cristianismo. O referido escritor pretende com isso dizer que Jesus Cristo nasceu como qualquer homem normal, cuja concepção resulta do envolvimento sexual entre duas pessoas de sexos opostos. O narrador, ao referir que Maria abriu os pés com intenção de cumprir com um dos deveres de uma mulher: fazer amor com seu esposo para procriar, contrasta com os desígnios da Sagrada Escritura, cuja narrativa projeta a mãe de Jesus como uma mulher virgem que concebeu por via do Espírito Santo.

A vilanização de Deus

Nesta seção, buscamos compreender em que medida Deus é ou não o vilão n’*O evangelho segundo Jesus Cristo*. Para o efeito, recorreremos aos postulados de Cristina Vieira (2008). Para a referida ensaísta, a vilanização faz-se fundamental na construção do universo romanesco e consta entre os quatro macroprocessos relacionados à intenção autoral, hierarquizando com a legitimação, a vitimização e a problematização (VIEIRA, 2008, pp. 406-407).

Compreender-se-á por vilanização, “o termo com o qual designamos o macroprocesso diametralmente oposto ao da heroicização, e que consiste na facultação da identificação inequívoca da personagem X como vilão” (*ibidem*, p. 427). O vilão representa a personagem que no espaço narrativo (novela, conto e romance) se opõe ao herói, por isso, designado, na maioria das vezes, por anti-herói, como se pode aferir no *Dicionário de estudos narrativos*, de Carlos Reis, no qual, numa das entradas dedicadas a essa entidade narratológica, verifica-se o seguinte: “Personagem que se define por oposição ao herói, o anti-herói é uma figura normalmente centrada numa determinada ação, representando uma configuração moral, social e económica desqualificada (REIS, 2018, p. 33).

Ora, dentro da tessitura romanesca de José Saramago, mormente, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, apropriando-se dos processos axiológicos da construção romanesca, o autor elege os processos de vilanização e vitimização como padrões de construção da narrativa, projetando, neste caso, a figura de Deus como o representante paradigmático deste macroprocesso axiológico, como se pode conferir no seguinte trecho, pela descrição que o narrador lhe faz: “Sentado no banco está Deus [...] Não é, como da primeira vez, uma nuvem

[...]. É um homem grande e velho, de barbas fluviais espalhadas pelo peito [...] vestido como um judeu rico, debruado de tecido de ouro” (SARAMAGO, 2021, p. 364-365). Saramago projeta, neste contexto, um deus pomposo, que se mostra de maneira exibicionista, não representando, assim, o modelo de humildade.

Ainda assim, Deus representa, n’ *O evangelho segundo Jesus Cristo*, a promoção do mal da destruição. Por isso, sua figura é equiparável à do Diabo. Na verdade, Saramago reconstrói um Deus à imagem e semelhança do Diabo, pois o protagonista da narrativa apercebe-se disso no primeiro contacto que teve com tais entidades narrativas: “Jesus olhou para um, olhou para outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gémeos, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado” (SARAMAGO, 2021, p. 368). Ademais, o texto, aqui, “tem um carácter subversivo. Põe a ordem estabelecida em xeque. Constitui uma maneira de questionamento que possibilita romper com aquilo que é dado como certo e convencional” (CAPPELLI, 2019, p. 147), chocando, muitas vezes, com o cristianismo tradicional, sobretudo com aqueles que, além de serem radicais, não possuem leitura apurada para o texto literário, como é o caso de Pedro Silva que, ao se mostrar desiludido com a escrita saramaguiana, disfero crítica ríspida ao autor:

Ao igualar Deus com o Diabo, o autor, faz o Senhor conivente com o mal, fazendo do anjo das trevas, e pai da mentira, um gémeo parecido com Deus e ainda sugerindo que era mais velho e preexistente a Deus. Tamanha é a cegueira e a raiva para falar do que não sabe, nem entende. (SILVA, 2012, p. 157)

A leitura de Pedro Silva, além de ser descontextualizada, é, também inadequada, visto que não olha para a narrativa saramaguiana como ficção⁸, como uma alternativa a um texto que, embora sendo bíblico, resulta da criação humana. Saramago traz uma opção de construção leitora diferente da canonizada. Isso não significa, necessariamente, negação de Deus em si, mas da narrativa bíblica sobre o divino, construída pelos homens.

José Saramago esmera-se na desconstrução da narrativa instituída pelo cristianismo. N’ *O evangelho segundo Jesus Cristo*, Deus não é simplesmente uma entidade semelhante ao Diabo. Ele trabalha, de facto, em conluio como o Diabo, na medida em que a expansão da sua igreja e do seu nome faz-se à custa de sangue: cria armadilha para os homens

⁸ Sobre o assunto, Marcio Cappelli adverte o seguinte: “[...] ainda que as narrativas tenham uma relação com episódios históricos, isto não quer dizer que elas devam ser lidas com história no sentido moderno do termo, mas que elas criam enredos originais atrelados a acontecimentos que eram culturalmente aceites como história por isso devem ser vistas como “ficções historicizadas”: a história de David” (CAPPELLI, 2019, p. 40).

e torna-os prisioneiros, como fez com José: “Deus não perdoa os pecados que manda cometer” (SARAMAGO, 2021, p. 161), pronunciamento do narrador que acentua o carácter vilanizador de Deus enquanto entidade que promove maldade.

Por isso, de acordo com Marcio Cappelli, “Saramago vai delineando a imagem de um Deus cruel, determinista misógino, distante, sanguinário, que sempre coloca obstáculo à realização humana” (CAPPELLI, 2019, p. 213), ou seja, na narrativa em análise, projeta-se um ser divino desmedido na sua ganância e no seu oportunismo. É, por outro lado, autoritário, repressor, vingativo e castigador. Veja-se, por exemplo, o momento em que Deus enumera o conjunto de pessoas que terão de morrer para concretizar a sua vitória sobre os outros deuses: “[...] edificar-se-á a assembleia de que te falei, mas os caboucos delas, para ficarem bem firmes, haverão de ser cavados na carne, e os seus alicerces compostos de um cimento de renúncias, lágrimas, dores, torturas [...]” (SARAMAGO, 2021, p. 381).

Espanta-nos, a nós enquanto leitores, a generosidade do Diabo e a reação de Deus ante essa ação generosa: acontece que o Diabo, arrependido da prática maléfica que leva, pede a Deus que alargue a sua igreja sem que, para isso, tenha que morrer tanta gente e que o todopoderoso o perdoasse e o recebesse de volta no céu. Entretanto, o perdão é negado, pois, para Deus, sem o Diabo, o mal deixava de existir. Esse diálogo subverte, desconstrói a narrativa bíblica. Enquanto leitor atento, compreendo o que o autor perspectiva como um ato criado por Deus, cujo bode expiatório é Diabo. A existência deste é fundamental para que Deus continue a justificar todas as suas atrocidades e barbaridades. Sendo assim, e concordando com Marcio Cappelli, “[...] Deus, na sua postura impiedosa de não conceder o perdão, e na obstinação em manter o mal, se torna um Diabo e o Diabo pela sua proposta misericordiosa torna-se Deus” (CAPPELLI, 2019, p. 237).

Vitimização de Jesus

A vitimização, nos termos de Cristina Vieira, corresponde a “um macro-processo claramente gradativo no que diz respeito à valorização ou desvalorização da personagem junto do leitor” (VIEIRA, 2008, p. 420). Ou seja, supõe “sempre um contexto de injustiça ou de circunstancialismos claramente adversos a pesar sobre a personagem em causa, e que lhe motiva por vezes a condutas ignóbeis.” (VIEIRA, 2008, p. 420).

A figura de Jesus enquanto entidade ficcional da narrativa saramaguiana está predestinada ao sofrimento excessivo, desde a sua concepção por Maria, tal como prova o Diabo, que, inicialmente aparece no disfarce entre mendigo e anjo: “Maria perguntou, Isso que quer dizer, e o mendigo respondeu apenas, Mulher tens um filho na barriga, e esse é o único destino dos homens, começar e acabar [...] sou um anjo, mas não digas a ninguém” (SARAMAGO, 2021, p. 31). As palavras “esse é o único destino dos homens, começar e acabar”, vindas da boca do anjo representam a vontade do Deus saramaguiano, que profetiza uma vida auspiciosa para seu filho.

A ida de José e Maria a Belém, o nascimento de Jesus numa gruta ao lado de ovelhas, a omissão de José às informações sobre a morte de todas as crianças menores de quatro anos, por ordens do rei Herodes, os sonhos que atormentaram José até à sua morte, bem como a culpa que Jesus herda de José nesse âmbito que o texto de Saramago representa a subversão à Sagrada Escritura, pois que a narrativa propõe um Deus que conhece tudo, prevê o começo e o fim trágico das pessoas, mas não faz nada para inverter o *status quo*, com sugere o narrador: “A morte dos meninos decidiu-a a vontade de um homem. Pode bem pouco, afinal, a mão de Deus, se não chega para interpor-se entre o cutelo e o sentenciado” (SARAMAGO, p. 139). A posição do narrador, aqui, é oposta ao que a narrativa judaico-cristã propõe. Em Mateus (22.37), encontramos o seguinte: “Amai a Deus de todo o teu coração e ao teu próximo como a ti mesmo”. Aproveitando-se desse aforismo, Pedro da Silva (2012, p. 88-89) opõe-se à perspectiva saramaguiana, visto que, para este crítico, os homens devem respeitar e aceitar as decisões de Deus (SILVA, 2012, p. 88-89).

O destino de Jesus enquanto vítima do seu pai celestial é anunciado pelo próprio Deus, numa conversa que este teve com Jesus e o Diabo: “[...] Qual foi o papel que me reservaste, o de mártir, o de vítima, que é o de melhor para fazer espalhar a crença e afervorar uma fé [...]” (SARAMAGO, 2021, p. 370). Perspectiva semelhante é partilhada por Manuel Frias Martins: “Vitimizado pelo Pai, amargurado pelo futuro sombrio que em seu nome os homens irão construir, Jesus não só toma consciência de si no momento derradeiro da sua vida como sobretudo tem acesso à revelação da verdade” (MARTINS, 2012, p. 54). Se confrontarmos o que foi dito com a Sagrada Escritura, perceberemos, mais uma vez, que *O evangelho segundo Jesus Cristo* é uma autêntica ruptura com a narrativa canónica, pois, em Isaías (7.14), as informações sobre as razões do nascimento de Jesus Cristo são apresentadas

nos seguintes termos: “Eis que a virgem conceberá, e dará luz a um filho, e será o seu nome Emanuel – Deus conosco”.

Subversão à misoginia

Sabe-se que a Sagrada Escritura está eivada de várias narrativas legitimadoras da submissão das mulheres aos homens, tal como Efésio (5. 24) assevera: “Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo aos seus maridos”. Ao passo que, aos homens, reserva-se o auspicioso lugar de zelar pela sua esposa: “Maridos, amai a vossa mulher, com também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela”. Sendo assim, para a narrativa bíblica, o homem é sempre o protagonista de tudo na relação com o seu oposto. É o subterfúgio discursivo que tem ajudado a legitimar a postura do homem: mesmo quando estão completamente errados, as mulheres devem calar-se ou falar com o tom baixo, em obediência aos preceitos consagrados na Bíblia.

Entretanto, na constelação romanesca de José Saramago, valoriza-se a desconstrução do discurso misógino fundamentado, sobretudo, na narrativa judaico-cristã. Para o efeito, Saramago encontra na reconstrução de Maria Madalena, no texto ficcional *Maria Magdala*, a personagem adequada à subversão dos padrões consagrados. Maria Magdala representa a tentativa de fuga à insubmissão conjugal, que se concretiza ao ser a protagonista no ato sexual com Jesus. Ou seja, como refere Cappelli (2019, p. 219), “Maria Magdala saramaguiana inicia Jesus sexualmente, aconselha-o, interfere na realização dos milagres e é portadora de uma sabedoria nada ortodoxa”.

A representação do ato que envolve sexualmente Jesus com Magdala n’ *O evangelho segundo Jesus Cristo* deixa revoltados os sequazes do cristianismo, de modo particular, os tradicionalistas, como é o caso de Pedro da Silva, que, discordando com a proposta de Saramago em que “Maria Magdala conhece enfim o amor da mulher pelo seu homem”, indaga “SEU HOMEM! Jesus não é homem de ninguém! O homem, esse sim, é sua criação, criatura que muito o desonram” (SILVA, 2012, p. 129).

Depois da iniciação sexual a Jesus, que dá uma outra perspectiva de ver as coisas e o mundo, Maria Magdala passa a desempenhar um papel fundamental na vida deste: é

conselheira, orientadora, tornou-se na melhor protetora de Jesus. A experiência de vida que carrega, sobretudo dos muitos anos de prostituição, faz dela uma mulher com vigor.

A relação amorosa de Jesus com Maria Magdala representa subversão à tradição bíblica por duas razões: i) a de que já afloramos nos parágrafos anteriores, consubstanciada no facto de constituir reprovação à misoginia cristã; ii) Maria Magdala sublinha a necessidade de se esclarecer o caso amoroso que Jesus Cristo teve com Maria Madalena, do qual a Bíblia não faz questão de relatar.

Conclusão

A constelação romanesca de Saramago sublinha a preocupação que o autor sempre teve com a História, pois, para ele, é necessário que se elaborem alternativas às histórias legitimadas, por serem parciais e parcelares. É o que se constata em *O evangelho segundo Jesus Cristo*.

O texto traz, como ficou provado nas subsecções anteriores, uma construção subversiva aos preceitos da cultura judaico-cristã refletidos na Sagrada Escritura: a figura de Deus, por exemplo, que no texto bíblico representa amor, paternidade, paz, etc., no romance saramaguiano, este ser supremo é uma entidade ficcional representativa do mal, ou seja, no universo romanesco Deus é apontado como a figura causadora de todos os males. Se Jesus, na Sagrada Escritura, é o filho amado de Deus que morre para salvar a humanidade, no texto ficcional ganha outra dimensão. É vítima de Deus e morre para satisfazer os caprichos deste.

Ainda assim, não é pretensão de Saramago apagar a História oficial do cristianismo, mas sim alvitrar uma versão histórica que se demarca de todos os atos bárbaros e violentos realizados pela Igreja, em nome de Deus: “[...] a Saramago não interessava Deus [...], mas se concentrava no papel [...] que os grupos religiosos exercem nas culturas e nas pessoas em nome de Deus” (CAPPELLI, 2019, p. 176).

Referências

ARISTÓTELES, **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

ARNAUT, Ana Paula. **Post-modernismo no romance português contemporâneo**. Coimbra: Almedina, 2002.

ARNAUT, Ana Paula. A insólita construção da personagem post-modernista. In *Revista Abusões*, n. 3, v. 3, Rio de Janeiro, 2016, pp. 7-34. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/45355/1/A%20insolita%20construcao%20da%20personagem%20Post%20Modernista.pdf>. Consultado em 25 de maio de 2022.

Bíblia Sagrada. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 2019.

CAPPELLI, Marcio. **A teologia ficcional de José Saramago**: aproximações entre romance e teologia. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.

FOKKEMA, Douwe W. **História literária**: modernismo e pós-modernismo. Trad. Abel Barros Baptista. Lisboa: Veja, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamento das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**, 2ª ed. Trad. José A. Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1989.

MARTINS, Manuel Frias. **A espiritualidade clandestina de José Saramago**. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Porto: Porto Editora, 2015.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. Porto: Livraria Lello/Porto Editora, 2021.

SILVA, Pedro da. **O evangelho segundo Saramago**. Lisboa: Chiado, 2012.

VIEIRA, Cristina da Costa. **Viagem pelo universo feminino de A Esmeralda Partida de Fernando Campos**: o romance histórico como ponto de fuga. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/18437>. Consultado em 12 de junho de 2022.

VIEIRA, Cristina da Costa. **A construção da personagem romanesca: processos definidores**. Lisboa: Colibri, 2008.

THE GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST: NA EXAMPLE OF SUBVERSION OF THE HOLY SCRIPTURE

Abstract

In this essay, through the analysis of *The Gospel According to Jesus Christ* (2021), a novel by José Saramago published in 1991, we seek to understand the strategies used to question the whole biblical narrative based on the story of Jesus Christ's crucifixion: from the blaming God for the death of his only son, to the victimization of Jesus and the possible love relationship of the protagonist of the narrative with Mary of Magdala, in a context that she represents the subversion of the canons of the Sacred Scripture, by being the instructor of the sexual initiation of Jesus Christ. Through theoretical clippings of the concepts of postmodernism, villainization, victimization, subversion, duly substantiated by Carlos Reis (2015), Ana Paula Arnaut (2002), Cristina da Costa Vieira (2008), Marcio Cappelli (2019), Jean-François Lyotarde (1989) among others, the present article intends to analyze to what extent José Saramago, subverting the status quo, proposes an alternative to the historical interpretation of the Judeo-Christian creed.

Keywords

José Saramago. Postmodernism. Vilanization. Victimization.

Recebido em: 30/10/2022

Aprovado em: 15/05/2023